

Programa

08.30	Recepção - Inscrições		
09.20	Abertura		
9.30-10.20	Conferência - Graham Welch Desenvolvimento do canto em crianças		
10.30-11.20	Workshop 1 - Cristina Brito da Cruz Aprender a ler sem partitura	Workshop 2 - Joana Amorim Descobrir música usando a flauta de bisel	Workshop 3 - Margarida Fonseca Santos O som das histórias
CAFÉ			
11.45-12.35	Workshop 4 - Ana Leonor Pereira Manipulações expressivas no canto	Workshop 5 - Carlos Azevedo Improvisar em Jazz	Workshop 6 - Maria José Artiaga Vamos compor na sala de aula!
ALMOÇO			
14.15-15.05	Conferência - João Fiadeiro Composição em tempo real		
15.15-16.05	Workshop 7 - Henrique Piloto Para onde vai esta canção?	Workshop 8 - Nuno Aroso Percussão hoje	Workshop 9 - Rui Melo - Quadros interactivos na formação musical
CAFÉ			
16.30-17.20	Workshop 10 - Erica Mandilho A voz em movimento	Workshop 11 - Pedro Fragoso O cavaquinho em contexto educativo	Workshop 12 - Catarina Costa e Silva A música na dança barroca
17.30-18.00	Encerramento - Concerto Coro Infantil da Universidade de Lisboa • Direcção de Erica Mandilho		



apem

associação portuguesa de educação musical

Rua D. Francisco Manuel de Melo, 36 - 1º Dto. 1070-087 Lisboa

(2ª e 5ª das 15.30h às 20.30h)

Tel. / Fax 213868101 Tm. 917592504 / 960387244

www.apem.org.pt Email educacaomusical@sapo.pt

apoios:



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

Av. de Berna, 45 A 1067-001 Lisboa
Tel. 217825217 • www.gulbenkian.pt



ANQ
AGÊNCIA NACIONAL
PARA A QUALIFICAÇÃO

www.anq.gov.pt



aldeia_da_musica@hotmail.com



www.lismusica.pt



www.prometheanworld.com/portuguese

concepção: hmande@gmail.com

apem
encontro nacional
2010

APRENDIZAGEM MUSICAL:
PERSPECTIVAS PRÁTICAS

Lisboa • 13 • Novembro • das 9h às 18h • Fundação Calouste Gulbenkian
Zona de Congressos

apem associação portuguesa de educação musical



Graham Welch

Perspectivas práticas sobre o desenvolvimento do canto em criança.

Esta conferência apresenta dados dos três primeiros anos de uma investigação longitudinal e comparativa em curso que, ao longo de quatro anos, estuda o impacto do Programa Nacional de Canto do Governo do Reino Unido, denominado 'Sing up'. O programa pretende assegurar que, até 2011, as crianças nas escolas primárias inglesas tenham semanalmente uma experiência positiva de cantar. Nos três primeiros anos da investigação foram recolhidos dados individuais de 10.000 crianças. O foco principal do estudo incluiu um mapeamento comparativo dos seguintes aspectos: 1) comportamento de cantar e desenvolvimento do canto nas crianças, assinalando se os participantes tinham tido experiência do programa nacional; 2) atitudes das crianças em relação a cantar na escola, em casa e em outros lugares; 3) possível impacto de cantar no auto-conceito e no sentido de inclusão social das crianças; 4) observações da qualidade de ensino e aprendizagem nas aulas de canto das crianças, com exemplos de ensino eficaz anotados por professores generalistas e professores especialistas de música. A apresentação tem como finalidade discutir os resultados principais da investigação e delinear implicações para actividades práticas, que possam apoiar a aprendizagem musical e outras aprendizagens, realizadas na sala de aula ou na comunidade.

(Tradução de Graça Boal Palheiros)

Graham Welch é Professor Catedrático de Educação Musical e Director do Departamento de Educação de Infância e Primária no Instituto de Educação da Universidade de Londres. É presidente da International Society for Music Education (ISME), presidente eleito da Society for Education, Music and Psychology Research (SEMPRE), e foi co-presidente da Comissão de Investigação da ISME. Tem sido professor convidado nas universidades de Queensland (Austrália), Limerick (Irlanda), e Roehampton (Reino Unido). É membro do Conselho de Investigação de Artes e Humanidades do Reino Unido e tem sido consultor especialista de departamentos e agências governamentais no Reino Unido, Itália, Suécia, Estados Unidos da América, Ucrânia, África do Sul e Argentina. Publicou mais de duzentos artigos sobre desenvolvimento musical e educação musical, formação de professores, psicologia da música, canto e ciência da voz, e música na educação especial. As suas publicações são sobretudo em Inglês, mas também em Espanhol, Português, Italiano, Sueco, Grego, Japonês e Chinês.



Catarina Costa e Silva

A música na dança barroca.

A prática de música e dança foi durante muitos séculos conjunta, não só em termos sociais como também em contexto quer artístico quer pedagógico. Desta maneira, as formas da música receberam influências directas da prática da dança, dos seus ritmos, andamentos e mesmo melodias. Na época barroca, por exemplo, os músicos se não dançavam o menuet, pelo menos sabiam como este se dançava, pois tocavam-no na corte para outros dançarem. Neste workshop promove-se a observação e compreensão de determinados elementos musicais como compasso, andamento, carácter, padrão rítmico característico ou forma musical, através da prática de uma determinada dança do período barroco.

Docente de Música no curso vocacional de dança desde 1996. Leccionou também História da Música e História da Cultura e Artes, História da Dança, Movimento para músicos, Expressão Corporal, Dança Contemporânea. Lecciona Danças Antigas na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo (ESMAE) ou em diferentes instituições como escolas, orquestras (destacando a EUBO) e festivais (destacando Os Dias da Música – Centro Cultural de Belém 2009). Diploma do curso vocacional de dança - Ginásio Escola de Dança. Formação em Danças Antigas com diferentes professores nacionais e estrangeiros. Licenciada em Canto pela ESMAE e em História, variante Arte pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto; Mestre em Estudos Musicotatrais - Universidade de Sheffield (U.K).





Pedro Fragoso

Comunicação musical através das tradições. O cavaquinho em contexto educativo.

O ponto de partida desta oficina não é a música de raiz popular como algo adquirido, com uma linguagem que não é familiar ao aluno do ensino genérico, mas sim remetendo esse aluno para um papel capital na definição do objecto musical e na sua construção. O trabalho irá perseguir a ideia de um todo de aprendizagem que tenta traduzir uma expressão identitária de um colectivo, levando desta forma a uma imersão nos seus elementos e valores mais significativos, através da experiência musical.

O workshop tentará, assim, ir ao encontro de uma tentativa de desmistificação da música popular como algo brejeiro e pouco relacionado com as suas raízes, conduzindo a uma abordagem diferente e mais diversificada. Pretende-se trabalhar a música da tradição popular de uma forma activa e motivadora, através da audição programada, da prática de instrumentos populares portugueses (cavaquinhos, braguesas etc.) e do movimento, através de processos de dinâmica de grupo, tentando desta forma contribuir para uma prática futura que possa abrir mais perspectivas duma aplicação integrada desta área.

Despertando para a música através do contacto com vários cordofones e com a banda filarmónica da sua terra natal, tem exercido a sua actividade como professor e orientado várias acções e projectos no domínio da formação de Professores, Educadores e Animadores. Além da sua actividade como autor, músico, produtor e director coral, tem desenvolvido um trabalho relacionado com a audição activa e o movimento, bem como a implementação dos instrumentos musicais tradicionais na prática lectiva. Desenvolveu um trabalho de investigação em torno do cavaquinho em contexto educativo, em que abordou a prática deste instrumento e a sua relevância educativa a partir de um olhar sobre documentos, músicos, construtores, professores e alunos.



Cristina Brito da Cruz

Aprender a ler música sem partitura.

Aprendemos a falar ouvindo, balbuciando sons, reconhecendo palavras, imitando, repetindo, percebendo, experimentando e “improvisando” frases. Falando, vamos aprendendo a pensar e a comunicar. Só passados uns anos aprendemos a ler. Fazer música antes de aprender a ler, antes mesmo de tocar um instrumento, é o percurso pedagógico que escolhemos para os nossos alunos. Neste workshop a canónica trindade “ritmo - melodia – harmonia” estará presente em jogos, lengalengas e canções tradicionais que permitam – a crianças, jovens ou adultos - aprender brincando. Servir-nos-emos de sons, de palavras e de movimento e usaremos técnicas seculares como nomes de notas ou fonomímicas. Cantar e associar sílabas ou gestos à duração e à altura relativa dos sons (em linhas melódicas ou sequências harmónicas) desenvolve a audição, a memória, permite imitar com mais precisão, ouvir interiormente, “ler música” sem perder o contacto visual com o professor e “reagindo musicalmente”. Estas técnicas favorecem a concentração e o “saber estar” em grupo e permitem “visualizar” o desenvolvimento auditivo dos alunos, saber em “tempo real” como ouvem/percebem música ou, simplesmente, se estão a ouvir/perceber. Queremos que os nossos alunos aprendam a ler, cantando, (inicialmente) sem partitura e com prazer.

Professora de Formação Musical e Pedagogia na Escola Superior de Música de Lisboa. Lecionou nas academias Luísa Todi e Amadores de Música e na Escola de Música do Conservatório Nacional. Diplomada com o Curso Superior de Piano (CN), licenciada em Engenharia (IST), pós-graduada em Pedagogia Musical (Instituto Kodály) e mestre em Etnomusicologia (UNL). Na área da formação de professores colaborou com a ESMAE, ESEL, UA, escolas de música e outras instituições em Portugal (APEM, DRC-Açores, Museu da Música Portuguesa, Centros de Formação), Espanha, Bélgica, Hungria e Cabo Verde. Participou em projectos europeus da International Yehudi Menuhin Foundation (Bruxelas) e Association Européenne des Conservatoires, Académies de Musique et Musikhochschulen (Utrecht) e publicou artigos no âmbito da Etnomusicologia e da Educação Musical.





Joana Amorim

Como descobrir e inventar música usando a flauta de bisel.

Apresentação e aplicação prática do livro 'Eu toco flauta de bisel', de Joana Amorim e Vasco Negreiros.

O livro traz tanto jogos didácticos como arranjos de muitas canções infantis e lengalengas, para duas flautas (aluno e professor), flauta e piano (aluno e acompanhador) e trio de alunos, além de três canons. O facto de as mesmas obras aparecerem em várias versões permite que estas sejam combinadas favorecendo apresentações mais interessantes.

A composição dos acompanhamentos procura abrir o espectro de estilos, possibilitando contacto com uma ampla panóplia de experiências estético-musicais, sem perder de vista tanto as preferências próprias das idades para as quais o livro se destina como os objectivos pedagógicos que o motivam. Neste workshop pretende-se experimentar o livro nas suas várias vertentes.

Possui o Curso Complementar de Flauta de Bisel (Conservatório Nacional de Lisboa), a Licenciatura em Flauta de Bisel e Traverso (Conservatório Real de Haya – Holanda) e o Mestrado em Música Antiga - Performance (Universidade de Aveiro).
Lecciona Traverso Barroco e Flauta de Bisel no Conservatório Nacional de Lisboa desde 2000. Toca regularmente com ensembles de música antiga em todo o país, incluindo o Divino Sospiro e o Ludovice Ensemble, de que é fundadora.



Erica Mandillo

A voz em movimento

Tal como dizia Sviatoslav Richter: "para que o espectador realmente ouça e veja, deve encontrar-se num permanente estado de alerta". Extrapolando para os processos de aprendizagem, estamos convictos que para aprender devemos estar constantemente a ser surpreendidos. É precisamente essa a pedra de toque do nosso trabalho: num ambiente simultaneamente lúdico e de grande exigência, levando ao limite as capacidades individuais e colectivas das crianças, encaramos o processo de trabalho como uma criação colectiva em que os diversos componentes vão surgindo a partir de experiências, de jogos, de propostas lançadas ao longo dos ensaios, sem barreiras de épocas, estilos ou idiomas, utilizando o espaço de forma livre: fora do binómio palco/plateia, explorando vários ambientes sonoros e cénicos.

Consideramos que vivenciar, através da prática coral e da expressão corporal, a imensa variedade de estilos e línguas ao dispor no repertório coral, é uma fonte inesgotável de prazer e de aprendizagem: aperfeiçoando várias pronúncias, explorando as suas distintas sonoridades, cantando a cappella ou com acompanhamento instrumental, com ou sem direcção, imóveis ou em movimento. Passo a passo construindo a musicalidade individual e de grupo, descobrindo a voz como parte integrante do instrumento que é o nosso corpo. Neste workshop os participantes serão convidados a participar num ensaio em formato condensado conjuntamente com 16 representantes do Coro Infantil da Universidade de Lisboa, por forma a vivenciarem o processo utilizado no nosso trabalho e assistindo no final a uma breve apresentação do CIUL na qual também serão chamados a participar de forma activa.

Mestre em Biofísica, estudou piano e realizou o Curso Geral de Canto no Conservatório de Lisboa. Em 2003 realizou o Curso de Encenação de Ópera da Fundação Calouste Gulbenkian, tendo sido convidada para efectuar um estágio em Paris com o encenador Cristian Gagneron. Foi membro do Coro Gulbenkian e do Coro do Teatro Nacional de São Carlos, e fundadora e Directora Artística da Camerata Fiorentina e do Coro Infantil da Universidade de Lisboa, com os quais realizou mais de uma centena de concertos no país e estrangeiro, que têm merecido os maiores elogios do público e da crítica.
Desde 2008 orienta as Actividades Artísticas do Colégio de São José em Lisboa (2º Ciclo) tendo fundado o Coro de Câmara das Oficinas de São José. Desde 2010 é docente do Conservatório Nacional de Música de Lisboa, leccionando Coro e Expressão Corporal.



Rui Melo

Quadros interactivos na Formação Musical.

Os quadros interactivos têm vindo a afirmar-se ao longo dos últimos anos no contexto educativo pelas potencialidades que evidenciam ao nível da diversificação de metodologias com reflexo nas dinâmicas da sala de aula e na aprendizagem dos alunos.

Na educação musical a mudança do quadro negro pautado para um quadro interactivo permite que a música salte para a frente dos olhos dos alunos permitindo-lhes visualizar e interagir com elementos que no quadro negro são invisíveis e abstractos.

A facilidade com que o professor de Educação Musical pode disponibilizar à turma uma multiplicidade de elementos áudio visuais que integram a imagem, o som e o vídeo abrem-lhe uma imensidade de possibilidades, cujo limite é a imaginação do professor e a sua vontade de tornar as aulas de educação musical activas, criativas, ricas em conteúdos relevantes, fonte de aprendizagens significativas e motivadoras para os alunos.

O objectivo deste workshop é dar-lhe a conhecer esta ferramenta e algumas das suas potencialidades. Venha interagir com a música num quadro interactivo!

Professor de Educação Musical do 2º Ciclo do Ensino Básico, desempenhou funções como professor de Formação Musical e Prática de Teclado na Academia de Música de Espinho/ Escola Profissional entre 1993 e 2006.

Mestre em Multimédia em Educação pela Universidade de Aveiro, actualmente encontra-se a realizar o seu Doutoramento em Música na Universidade de Aveiro. Possui o Diploma Pedagógico da Association Internationale d'Education Musicale Willems.

Tem o estatuto de formador do Conselho Científico e Pedagógico da Formação Contínua, nas áreas de Educação Musical/ Música e Tecnologias Educativas; Informática / Aplicação da Informática, desenvolvendo actividade como formador desde 2002.



Margarida Fonseca Santos

O som das histórias.

Contar uma história é sempre um desafio. Fazê-lo com a ajuda do som transforma esse desafio numa experiência que nos toca.

Neste atelier vamos descobrir como o som potencia e dá um significado diferente às palavras e ao momento em que ouvimos uma história. Vamos juntar intensidade e magia às palavras que contam, transportando os ouvintes para um patamar diferente de compreensão e percepção. Através de exercícios simples de construção de enredo, e aliando a isto uma “partitura” do conto, vamos juntar os sons que nos permitirão fazer da história uma experiência sentida de uma forma especial. Porquê? Porque vamos ouvi-la... de olhos fechados!

Com o Curso Superior de Piano do Conservatório Nacional, foi professora de Formação Musical e Pedagogia na Escola Superior de Música de Lisboa, entre outras. Em 2005 dedica-se por inteiro à escrita. Ganhou, na área de Ficção para Adultos, vários prémios, estando todos publicados. Da escrita para teatro destacam-se as peças para jovens sobre Matemática. Tem uma vasta obra publicada na área infanto-juvenil. Em 2006, lança o livro Histórias de Cantar, estando em cena o espectáculo CantaStórias com estas canções. Dá formação de escrita criativa e treino mental de performance a crianças, professores e adultos. Conta, com Rita Vilela, os contos que escreve.



Ana Leonor Pereira

Manipulações expressivas no canto: uma questão de talento musical?

Considera-se que um intérprete possui talento musical quando, entre outros requisitos, consegue expressar-se através do som musical. Na voz cantada a expressividade é efectuada segundo um código específico multi-factorial: variações de tempo, de vibrato, de ritmo, de dinâmica, de afinação e de timbre são utilizadas pelo cantor no intuito de exprimir as emoções patentes na música e, simultaneamente, as suas próprias emoções. Compreender, conhecer e dominar este código permite a sua utilização quer no ensino-aprendizagem da música, quer na interpretação musical. Apresentar-se-ão quadros com parâmetros manipulados de acordo com determinadas emoções a comunicar; perante estes quadros far-se-ão diversos exercícios e jogos de manipulação expressiva de frases musicais de acordo com emoções escolhidas. Os presentes serão convidados a participar e a interpretar uma melodia sob expressões emocionais diferentes.

Será discutida a mais-valia e a aplicabilidade de tais manipulações expressivas na aprendizagem e motivação musicais. Finalmente, será discutido até que ponto o talento musical, no canto, pode ser ensinado.

Mestre em Ciências da Fala pela Universidade Católica Portuguesa/Escola Superior de Saúde do Alcoitão, licenciada e profissionalizada em Canto Solista pelo Real Conservatório da Faculdade de Música e Dança de Haia, bacharel em Canto pela Escola Superior de Música de Lisboa, e licenciada e profissionalizada em Filosofia pela Universidade de Lisboa.

Formadora da Associação Nacional de Professores e da APEM nas áreas de didácticas específicas do Canto e de Técnica Vocal. Cantora profissional, dedica-se à actividade concertista e à investigação da voz cantada. Actualmente prepara o seu doutoramento em Ciências da Saúde/Voz no Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa.



Nuno Aroso

Percussão hoje. Uma viagem pelo mundo da percussão desde a antiguidade até aos nossos dias.

O princípio da expressão musical através da percussão confunde-se com os primórdios da história do homem. Talvez por isso, por estar na nossa essência, a percussão seja a área instrumental que mais “viajou” no tempo e que hoje, rica de história, se tenha tornado indispensável para a criação contemporânea? Iremos conhecer os passos principais da percussão na história e a importância do seu papel nas correntes musicais de tradição erudita, populares e folclóricas a nível global. Pretende-se ainda desenvolver um trabalho prático, com o qual se irá estabelecer uma afinidade com os instrumentos vulgarmente utilizados na sala de aula. Ora com estes instrumentos, ora com a percussão corporal, daremos vida a ritmos de origem popular de vários pontos do globo, até peças da actualidade de John Cage e Steve Reich.

Nuno Aroso nasceu no Porto em 1978. Realizou estudos musicais na Escola Superior de Música do Porto e no Conservatoire National de Strasbourg. Frequentou cursos e master classes com referências fundamentais da percussão. Estudou com Jean Pierre Drouet o repertório do teatro instrumental. Apresentou-se em festivais em Portugal, França, Bélgica, Espanha, Itália, Eslovénia, Alemanha, Brasil e China. Tocou em estreia absoluta mais de 60 obras e gravou parte deste repertório. É membro do Drumming-GP, da Oficina Musical e colabora com o Remix Ensemble, entre outros grupos em Portugal e no estrangeiro.

Como concertista e solista, tem divulgado a música contemporânea e explorado novas linguagens da percussão, destacando-se a colaboração estreita com compositores. Gravou Technicolor, um disco conceptual sobre o cinema, com obras que lhe foram dedicadas. Lecciona na ESMAE (Porto) e na EPME (Espinho).



Henrique Piloto

Para onde vai esta canção?

Os meninos correm e as canções fluem numa liberdade polirrítmica. Os adultos arrumadinhos correm a pô-los juntos em uníssono. Mas como? São pequenos gestos quase mágicos, olhares desafiadores e convites que com um simples respirar fazem com que a canção flua, pule e avance como aquela bola colorida... Vamos experimentar juntos ser crianças. A cantar, a dirigir, a observar que um simples gesto pode e vai levar uma canção bem longe - em afinação, ritmo, simultaneidade, e sobretudo muito e muito prazer.

A direcção de uma obra musical cabe e é responsabilidade do seu maestro, professor, mestre.

O mesmo, munido de rudimentos técnicos eficazes, consegue obter uma maior qualidade no seu trabalho, motivando todos ao seu alcance e em última análise a si próprio.

Tentemos então com pequenos “truques” de géstica, a magia de conseguirmos cantar juntos.

Para onde vai esta canção? Vamos ver! Afinal somos curiosos, logo, meninos.

Maestro titular da Orquestra de Câmara de Sintra, Nova Orquestra de Lisboa e Orquestra Jovens Músicos. Formado em Direcção de Orquestra pela Academia Nacional Superior de Orquestra. Possui a licenciatura em Direcção Coral da Escola Superior de Música de Lisboa e o Curso de Canto Gregoriano do Instituto Gregoriano de Lisboa. Estudou com Christopher Bochmann, Jean-Marc Burfin e Jean-Sébastien Béreau. Dirigiu a Orquestra Metropolitana de Lisboa, Orquestra Académica Metropolitana, Orquestra de Câmara de Macau, Orquestra Filarmonia das Beiras, Orquestra da Musikskola de Umea (Suécia) e o Oratory Choir of Hong Kong. Foi elemento fundador do Coro Gregoriano de Lisboa e do Coro Syntagma Musicum. Tem-se apresentado em Portugal, Espanha, França, Suécia, China e Japão. Ministra cursos de Direcção para a APEM e o INATEL.



Carlos Azevedo

Improvisação em Jazz

Neste workshop vamos relacionar as aprendizagens sobre a harmonia funcional, existente em vários períodos da história da música, como o Barroco ou o Clássico, com a linguagem do Jazz. Relacionamos também a forma, dado que grande parte da música Jazz é baseada nas formas simples do tipo A B A. Recorrendo ao teclado como ferramenta essencial para a compreensão da harmonia, apresentam-se alguns conceitos básicos, salientando-se a importância da improvisação, bem como bibliografia relevante nesta área, para que os participantes interessados possam aprender autonomamente.

Carlos Azevedo nasceu em Vila Real, em 1964. Concluiu o Curso Superior de Piano com a Professora Arminda Odete, no Conservatório de Música do Porto. Possui o Curso Superior de Composição pela Escola Superior de Música do Porto e o Mestrado em Composição pela Universidade de Sheffield (Reino Unido).

Ganhou o 1º Prémio no International Composition Contest em Bruxelas. Foi membro do Júri dos Concursos de Composição Cláudio Carneiro e Lopes Graça. Nos últimos anos, tem desenvolvido a sua actividade artística como compositor, pianista e director da Orquestra de Jazz de Matosinhos. É professor de Análise na Escola Superior Música e Artes do Espectáculo do Porto.



Maria José Artiaga

Vamos compor na sala da aula!

Neste workshop vamos pôr em prática várias actividades de início à composição. Através da exploração das várias componentes sonoras com o corpo, com os instrumentos e com a voz, vamos dar a oportunidade às crianças da descoberta, do desenvolvimento das suas aptidões musicais, do conhecimento e do prazer de fazer música para que a actividade de composição esteja sempre presente na sala de aula.

Professora Coordenadora da Escola Superior de Educação de Lisboa e da Licenciatura em Música na Comunidade. Doutorada em Musicologia pela Royal Holloway da Universidade de Londres. No âmbito do Ensino Geral leccionou as disciplinas de Música e de Educação Musical, respectivamente no 2º e 3º ciclos do Ensino Básico. No âmbito do Ensino Vocacional da música leccionou as disciplinas de Formação Musical e História da Música, respectivamente na Academia de Amadores de Música e na Fundação Musical do Amigos das Crianças e no âmbito do Ensino Superior, leccionou a disciplina de Didáctica Musical no Ramo Educacional do Curso de Ciências Musicais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa; a disciplina de Pedagogia da Formação Musical III na Escola Superior de Música de Lisboa (Curso de Licenciatura em Formação Musical).



João Fiadeiro

Composição em Tempo Real: a anatomia de uma decisão.

Nesta conferência irei expor os princípios fundadores e o modo operativo do método de Composição em Tempo Real através da exposição do contexto em que surge, dos princípios e premissas que suportam a sua existência e das suas múltiplas aplicações e implicações.

“(…) aquilo que acontece, não acontece em quem faz ou em quem vê, mas acontece entre quem faz e quem vê. É no “entre” das coisas que se situa o espaço de eleição da minha investigação. Compreender o “modo de operação” de uma decisão, serve para evitar o colapso do acontecimento, que se dá quer porque se age precipitadamente, quer porque se não faz nada, com o medo de se destruir aquilo que existe. Muito do meu trabalho joga-se na tensão gerada pelo paradoxo vivido entre a necessidade de conter e a inevitabilidade de agir.”

“O método de Composição em Tempo Real consiste no desafio de produzir, pela via do cultivo da clareza molecular, um reentendimento do que seja a liberdade na improvisação e do que seja a criatividade do artista. O método, atravessado pela delicadeza denso-leve do simples, não trata de outra coisa senão da vida; é tão somente uma explicitação do funcionamento vital, da dinâmica de operacionalização do relacionamento humano, da convivência.”

Fernanda Eugénio

João Fiadeiro (1965) pertence à geração de coreógrafos que emergiu no final da década de oitenta e que, na sequência do movimento pós-moderno americano e dos movimentos da Nouvelle Danse francesa e belga, deu origem à Nova Dança Portuguesa. Grande parte da sua formação é feita entre Lisboa, Nova Iorque e Berlim, tendo depois dançado na Companhia de Dança de Lisboa (86-88) e no Ballet Gulbenkian (89-90). Em 1990 fundou a Companhia RE.AL que, para além da criação e difusão dos seus espectáculos, acolhe e representa artistas transdisciplinares e acompanha artistas emergentes, através da organização de laboratórios artísticos. Os seus trabalhos são apresentados com regularidade na Europa, Estados Unidos, Canadá, Austrália e América do Sul. A sua investigação, quer enquanto bailarino quer enquanto coreógrafo – onde explorou a fundo técnicas de improvisação e composição – tem-no aproximado da investigação científica (sobretudo no âmbito das ciências cognitivas e dos sistemas complexos) e do tipo de pensamento gerado por disciplinas como a Economia ou o Design. Nos últimos anos, tem sido convidado a dar conferências e Master Classes em várias instituições.

